

Cabana da Chuva

No I Volume do Dicionário de Astronomia e Astronáutica¹,
encontra-se:

**CHUVA DE ESTRELAS; CHUVA DE RAIOS
CÓSMICOS; CHUVA METEÓRICA; CHUVA
METEORÍTICA; CHUVAS (MAR DAS); CHUVEIRO
CÓSMICO.**

¹PAIVA, J.O. Dicionário de Astronomia e Astronáutica Volume I. Rio de Janeiro, Revista Continente Editorial, 1979. P.188-189



Houve uma tempestade.

Pude ouvir três árvores caindo e o corpo da chuva, como o esperado, cobria até onde podia imaginar os arredores. Se é tão maior que tudo, a Cabana se intromete na paisagem, no que a chuva ocupa todos os lugares.

A cisão no solo delimita uma fronteira que é imaginária.
Meu gesto é intruso?

O buraco pode ser intruso, onde se preenche o coração, saber de cor a morada da chuva. Construo a Cabana à ela para que sejamos sempre estranhas uma para a outra, para que somente dessa forma possamos nos acolher.



Para chegar na Cabana, caminha-se:

A terra, de tão lavada, abre fendas de quartzo. Há barrancos de diferentes tamanhos, grotas como barragens e pedras que foram móveis na duração de muitos aguaceiros. Há uma necessidade de buscar as diferenças de um lado e outro de uma fronteira. Como se do lado de cá e o de lá possuíssem diferentes astros e antagônicos solos. No horizonte da Cabana, longínquos verdes e vermelho barro e nuvens cinzas. Mas atravessamos a cerca.

Entre os arames farpados, uma passagem que só pode se abrir aos que chegam na Cabana. É frágil esse dividir o espaço. A Cabana está em um ponto do mundo, mas não qualquer ponto do mundo. Há nessa paisagem uma qualidade de casa. Não a casa. Como a casa.

Chega-se à Cabana. Seu corpo escavado se mostra na paisagem. Tem o formato de uma montanha invertida.

Pode-se olhar, pode-se entrar. Aqui na Cabana - ao Norte do meu quarto - outras constelações, diferentes das cotidianas, aparecem pela altura do relevo. Onde fica o Equador que podemos cruzar? Na Cabana da Chuva, há um estranhamento do horizonte pela inversão das alturas.

O sentido do construir ganha uma dimensão do fundo, do olhar de terra e cosmos. Não é a verticalidade dos muros altos, das casa empilhadas em arranha céus. É o chão até onde posso esfolar o cotovelo.

A cabana pode ser uma fronteira entre queda e caminho. Ela é morada fugaz do instante em que abriga nosso estranhamento. Precisa ser vazia para abrigar os corpos passageiros, líquidos e viajantes. Estrangeira cabana, no meio do caminho.

Demarcada aqui, entre as distâncias e envolta em vazio, chove.

A medida é o tropeço.

